Revelação

Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social

UNIUBE
Educação e Responsabilidade Social

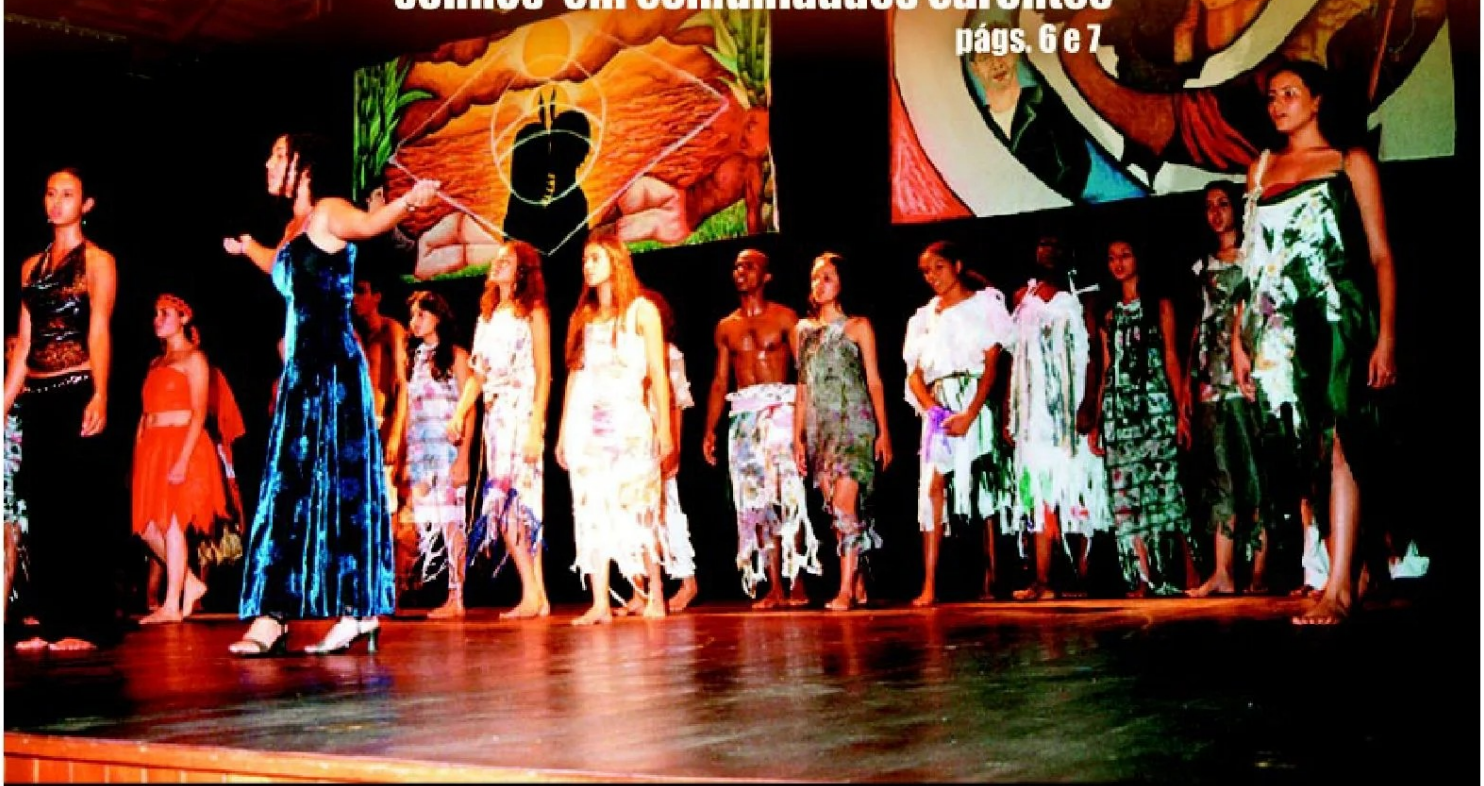
Ano VII•nº269•Uberaba/MG•de 18 a 24 de novembro de 2003

Responsabilidade Social

Compromisso com a cidadania

Projeto Tim ArtEducação desperta sonhos em comunidades carentes

págs. 6 e 7



Preconceito lingüístico é instrumento de dominação social

págs. 4 e 5

issuu-downloader.com

Editorial

Responsabilidade Social

Atualmente, uma grande preocupação das empresas é retribuir para em projetos sociais.

Até pouco tempo atrás, a expressão responsabilidade social era desconhecida nas empresas por todo Brasil. Poucos empresários se preocupavam em retribuir à sociedade, em forma de benefícios sociais, aquilo que pertencia a ela: a terra que as empresas usam para extrair sua matéria-prima. As enormes carências e desigualdades sociais existentes em nosso país dão à responsabilidade social empresarial relevância ainda maior.

"Não existem grandes empresas sem grandes projetos sociais"

A sociedade brasileira espera que as empresas cumpram um novo papel no processo de desenvolvimento: sejam agentes de uma nova cultura, sejam atores de mudança social, sejam construtores de uma sociedade melhor.

A TIM/Maxitel, por intermédio da Lei de Incentivo à Cultura, que reduz o ICMS (Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços) das empresas, está investindo em um projeto que incentiva alunos de baixa renda à buscarem novas formas de aprendizagem: o Projeto TIM ArtEducAção. Em 2003, terceiro ano do projeto em Uberaba, as atividades começaram no dia 11 de abril e terminaram no dia 11 de novembro, com a mostra final, aberta à toda comunidade, realizada no Teatro Experimental da cidade.

Esse movimento de valorização da responsabilidade social empresarial ganhou um forte impulso na década de 90, através da ação de entidades não-governamentais, institutos de pesquisa e empresas sensibilizadas para a questão. As empresas passaram a interagir com a comunidade, uma vez que pensavam em apenas recolher tributos e gerar empregos. A responsabilidade social não se restringe mais somente à doação de dinheiro, mas também ao compartilhamento de recursos, oportunidades, conhecimento e acompanhamento dos investimentos feitos à sociedade por parte dos colaboradores das empresas. Hoje, esse tema se tornou relevância nos principais centros da economia global, discutido em várias diretrizes das atividades empresariais, com o intuito de promover o exercício da cidadania, satisfazendo a comunidade onde essas empresas estão inseridas.

Com isso, podemos concluir que "não existem grandes empresas sem grandes projetos sociais". A empresa de pequeno, médio ou grande porte deve se preocupar em investir em responsabilidade social, usando a consciência. Fazendo isso, esta empresa será bem-vista no mercado global. Essa é uma dica para aquelas empresas que procuram sempre expandir o seu mercado em busca de uma qualidade superior aos concorrentes. A decisão de compra de um consumidor vai pesar muito na hora da escolha. O cliente precisa ser conquistado. Nada melhor que ser conquistado por uma empresa cidadã.

Ombudsman

O estudante universitário

Newton Luís Mamede

Já é se tornou um chavão ou frase feita o conceito de que a razão de ser de uma escola é o aluno. Nada mais real – para usar de outro chavão. Entendida como simples empresa que presta serviço a um cliente, ou, em amplitude *taxionômica*, como instituição de educação, de formação moral, intelectual, cultural e científica de jovens, de pessoas, a escola visa ao aluno, gira em torno dele, tem-no como centro e rumo de todas as suas atenções e ações. Por isso, a escola é uma instituição que surgiu **para** o aluno. Qualquer que seja o nível de ensino e a categoria da escola. A universidade inclusive.

A universidade! Já refletimos, com freqüência, a respeito da necessidade, da importância e do sentido da universidade no contexto social, principalmente de sua participação e atuação no progresso e no desenvolvimento da sociedade. E, nessa linha de progresso e de avanço, exige-se dela um permanente esforço de atualização e de modernidade, de constante adaptação às tendências e às exigências do momento histórico em que ela *vive*. Principalmente se se considerar que a universidade é escola de formação de profissionais de nível e de conduta científica. Por isso, a modernidade no ensino é condição *sine qua non* para a sobrevivência da universidade. Modernidade que combata a crise por que ela passa, tanto em âmbito nacional, quanto mundial. A estagnação de conhecimentos significa retrocesso e atraso, e a universidade é centro de estudos e de pesquisas que ampliam, geram, produzem conhecimento.

Nenhum esforço de remodelação, atualização e modernização da universidade, porém, tem sentido ou surte efeito se não contar com a participação e a dedicação dos estudantes, dos universitários

Nenhum esforço de remodelação, atualização e modernização da universidade, porém, tem sentido ou surte efeito se não contar com a participação e a dedicação dos estudantes, dos universitários. Isto é, do **alvo**, do centro e do fim da universidade. Participação ativa e dedicação responsável em todos os atos que constituem a vida do estudante universitário: estudo, espírito científico, preparo teórico e prático para o exercício profissional, e mais participação comunitária, atuação social e política, formação de consciência esclarecida sobre os problemas que a sociedade vive e que reclamam solução.

Nos estudos acadêmicos, em sala de aula, nos chamados "bancos de escola", o universitário se distingue pela superioridade e profundidade dos conteúdos estudados. Essa distinção amplia-se e avoluma-se à medida que a aplicação de cada aluno se faz presente, de forma responsável e com a consciência de aprender para a vida, e não para a escola. De aprender para solidificar conhecimentos que irão fundamentar os procedimentos de trabalho profissional e de construção da sociedade. E não de aprender apenas para a obtenção de notas.

Essa é a postura ideal do estudante universitário. Mas será que é isso que acontece, de fato, ao menos com a maioria de nossos estudantes? Com os estudantes de hoje? A conduta que ostentam revela, de fato, **superioridade** de estudos? Estão realmente se preparando com seriedade e competência para a vida de profissionais de nível superior? Com verdadeiro espírito científico, de estudos e de pesquisas? O grau de conhecimento que adquirem e possuem é compatível com a série ou período que estão cursando na universidade? Ou é um grau igual ou inferior ao nível de curso médio? Os estudantes universitários de hoje **estudam**, mesmo?

São questionamentos que se fazem e que incomodam, ou angustiam. O mau desempenho dos estudantes prejudica toda a instituição **universidade**. Mas eles serão, indiscutivelmente, os mais prejudicados. Agora e no futuro.

Newton Luís Mamede é Ombudsman da Universidade de Uberaba

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba (revelacao@uniube.br)

Supervisora da Central de Produção: Alzira Borges Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Projeto gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenador da habilitação em Jornalismo: Raul Osório Vargas (raul.vargas@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Karla Borges (karla.borges@uniube.br) • • • Professoras Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Neirimar de Castilho Ferreira (neiri.ferreira@uniube.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Analista de Sistemas: Tatiane Oliveira Alves (mac_l@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Gráfica Imprima

Fale conosco: Universidade de Uberaba - Curso de Comunicação Social - Jornal Revelação - Sala L 18 - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • • • Tel: (34)3319-8953 http:/www.revelacaoonline.uniube.br • • • Escreva para o painel do leitor: paineldoleitor@uniube.br - As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

Maluco Beleza!

Tratamento à base de arte

Usuários da Fundação Gregório Baremblitt desenvolvem verdadeiras obras primas

Fábio Luís da Costa
3º período de Jornalismo

Tortura, choques elétricos, algemas, confinamento, internação em manicômios e até mesmo lobotomia (operação no cérebro que torna o indivíduo uma espécie de "morto-vivo"). Estes eram os tratamentos utilizados há alguns anos para inibir o comportamento dos portadores de transtornos mentais.

Após longo tempo de sofrimento, esta realidade começou a ser modificada no Brasil, a partir da década de 70, quando surge o Movimento Nacional de Luta Anti Manicomial. O movimento propunha a Reforma Psiquiátrica, através de um ato de protesto para erradicar tratamentos obsoletos que em nada auxiliam na melhora e auxílio ao enfermo mental.

A partir desta década, o movimento ganha vitalidade e visibilidade social, quando propõe a desinstitucionalização, não como sinônimo de desospitalização, mas de transformação de saberes e práticas em lidar com a loucura.

Nessas considerações estão embutidas novas formas de relacionar em saúde mental, abrindo o campo para outros profissionais, em destaque para os que lidam com a arte e o processo criativo, na busca de cuidados mais flexíveis e estimulantes.

Projeto Paisagens do Inconsciente surge como complemetação do trabalho de reiserção social das pessoas com sofrimentos psíquicos

As oficinas terapêuticas de arte surgem como complementação do trabalho de reinserção social das pessoas em sofrimento psíquico. A arte como processo de estímulo à criatividade permite aos usuários a expressão e comunicação de idéias e emoções.

Arte como remédio

Partindo do princípio que a arte possibilita o aumento da auto-estima e a expansão emocional, diminuindo a ansiedade do portador de transtorno mentais, a Fundação Gregório Baremblitt resolveu apostar neste processo.

Tanto que, a instituição promove de 11 a 22 de novembro uma mostra de arte na Biblioteca Municipal Bernardo Guimarães, reunindo os trabalhos artísticos dos pacientes atendidos pela instituição.

O trabalho de Oficina de Arte na fundação, iniciada neste ano, volta-se para o atendimento, principalmente, de pessoas portadoras de transtornos mentais severos já que estas têm uma menor participação em outras atividades que exigem habilidades motoras e concentração.

Elisa Carvalho, arte-educadora e uma das coordenadoras do evento, diz que o Projeto Paisagens do Inconsciente, são oficinas terapêuticas de arte, que surgem como complemetação do trabalho de reiserção social das pessoas com sofrimentos psíquicos. "O Projeto serviu para o usuário ter uma melhor sociabilidade com os familiares, além de ter melhorado a convivência entre eles," conta Elisa.

fotos: Fábio Luís da Costa

"O Projeto serviu para o usuário ter uma melhor sociabilidade com os familiares, além de ter melhorado a convivência entre eles"

Para Wanice Facure, também coodernadora do projeto, a análise sobre a mostra não é diferente em relação a Elisa. Wanice acrescenta que o contato com obras de Portinari, Dali, Tarsila do Amaral, entre outros, trouxe momentos de contemplação e de beleza para os usuários. "Foi a partir dessas obras que eles começaram a desenvolver suas artes e assim, o fazer artístico permite que se fale indiretamente de problemas, da vida, dos sentimentos para com o mundo", conclui Wanice

As técnicas utilizadas para os usuários aperfeiçoarem as suas criações são as mais variadas. De colagens à pinturas, de desenhos à técnicas não muito sofisticadas. As obras de artes, feitas por esses simpáticos artistas não possuem padrões estabelecidos. As formas são distintas, abstratas, e não muito sofisticadas, mas temos a exata noção de que, as artes apresentadas deixam claro a disposição e a dinâmica eficaz que foram aplicadas as oficinas.

Mudanças comportamentais são perceptíveis quando as visitas são feitas à Biblioteca. Com sorrisos estampados nos rostos, os simpáticos usuários, recebem os visitantes com um grande entusiamo, fazendo questão de mostrar cada obra feita.

issuu-downloader.com

Sociedade

A língua do patrão

Usos do idioma reproduzem relações de poder na sociedade

André Azevedo da Fonseca
4º período de Jornalismo

A língua portuguesa, assim como qualquer outro idioma, é muito mais viva, rica e colorida que sua gramática normativa. As inúmeras variedades do português falado por milhões de brasileiros de diferentes regiões, tradições, idades e classes sociais podem ser entendidas como um tesouro lingüístico, um verdadeiro patrimônio cultural de nossa diversidade.

Os sabores sortidos das construções sintáticas, dos sotaques e dos vocabulários surgidos na espontaneidade do cotidiano são frutos evidentes dessa fertilidade.

Estudos sociolingüísticos sugerem que os preconceitos não são contra as palavras, mas contra a própria classe social dos falantes dessas variedades

No entanto, as variedades lingüísticas não-padrão são estrategicamente desprezadas por uma elite culta que, sob o pretexto de defender a língua portuguesa, carimba o diferente sob o rótulo do erro. Essa minoria elege um padrão ortográfico, fonético e gramatical e deliberadamente renega as demais variações como se fossem corpos estranhos à língua.

Assim, entende como deficiente o falante que diz "Cráudia"; acha que é ignorante o sujeito que fala "nóis vai"; considera tosco o vizinho que fala "me passa a cuié"; afirma que é estúpido o moço que diz "fósfro".

Contudo, estudos sociolingüísticos sugerem que este preconceito não é necessariamente contra as palavras, mas contra a própria classe social dos falantes dessas variedades.

Portanto, as expressões "ficam bonitas" quando são usadas por gente importante, rica, poderosa, mas "ficam feias" quando faladas pelas pessoas que, por fatores sociais, geográficos, raciais – ou pelo fato de não terem tido a sorte de nascer em uma família rica e poderosa – sofrem as injustiças sociais. Dessa forma, o português não-padrão é vítima do mesmo desdém a que estão submetidos os seus falantes.

Portanto, as expressões "ficam bonitas" quando são usadas por gente importante, mas "ficam feias" quando faladas pelas pessoas que sofrem as injustiças sociais

Há uma furiosa desavença entre gramáticos e sociolingüistas a respeito desse tema. "Fósfro" é erro ou variedade? Mas na verdade, essa discussão se esvaziaria caso fossem compreendidos os pressupostos fundamentais de cada raciocínio:

1) Não há regras estáticas, pois as línguas estão em constante transformação e adaptação. As desobediências às normas são fenômenos coerentes e fazem com que a língua permaneça viva e não se fossilize em arcaísmos. As variedades não-padrão são, portanto, processos históricos cuja organização interna possui lógica própria, explicável do ponto de vista lingüístico, psicológico ou mesmo fisiológico.

2) O ensino da norma-padrão – ou seja, das regras do português que regem os textos técnicos, as leis, os documentos e os demais escritos formais – é uma atitude política de construção da cidadania, pois significa convidar o cidadão a interpretar e a participar do jogo da sociedade com os mesmos instrumentos lingüísticos da elite culta.

Portanto, amar as variações não significa odiar a norma. Mas apesar de parecer evidente que os dois raciocínios não se excluem, a discórdia persiste. Gramáticos seguem acusando lingüistas de supervalorizar o uso popular, de admitir indiscriminadamente qualquer vulgaridade e de empobrecer a língua. Lingüistas chamam os gramáticos de conservadores, reacionários e defensores de uma regra opressiva incapaz de trazer respostas aos desafios do português moderno.

Em *A língua de Eulália* (Contexto, 1997) e *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz* (Loyola, 1999) o estudioso Marcos Bagno trava um diálogo com o leitor sobre a história das transformações lingüísticas e faz uma defesa apaixonada do português não-padrão.

Critica de forma incisiva o mito do idioma único no Brasil, primeiro lembrando das mais de 200 línguas faladas por sobreviventes indígenas, e sobretudo porque, para ele, "não existe nenhuma língua que seja uma só". Bagno explica que apenas uma variedade do idioma chegou a alcançar o prestígio de norma-padrão por causa do grande investimento que recebeu – ou seja, a constante atualização e incorporação de vocabulário técnico, palavras eruditas, metáforas e construções sintáticas a fortaleceu como o código oficial para a redação culta.

Alice Francisca, José Alexandre e o filho Sóstenes, na capa do livro "Preconceito Linguístico", do linguista Marcos Bagno

Mas esse procedimento – que é uma escolha política – pode ser feita com qualquer variação. Já houve casos em que esse investimento foi realizado em línguas indígenas ou arcaicas, transformando-as, assim, em línguas cultas perfeitamente capazes de responder aos desafios de comunicação contemporâneos, assim como à produção técnica e literária. É o caso do idioma maori, na Austrália, e do hebraico moderno, em Israel.

A hegemonia político-econômica do sul-sudeste faz com que as variações do português falado nessas regiões seja mais prestigiada

É preciso ter sempre em conta que, na história das transformações da língua, fatores internos e externos à própria estrutura do idioma concorrem para que determinada variação seja mais prestigiada que outras. O italiano de hoje, por exemplo, foi originado em uma região chamada Toscana – um dos mais importantes pólos comerciais e culturais no período do Renascimento. Foi nessa variedade do italiano que Dante, Petrarca e Bocaccio escreveram suas obras-primas.

Na Espanha, o *castellano* consolidou-se como a língua-padrão porque, originária da região da Castela, alcançou enorme prestígio por ser a variação falada pelos reis que derrotaram os árabes, colocando fim a 800 anos de dominação. A propósito, foi justamente do latim-vulgar, falado por legionários e emissários, que surgiram todas as línguas chamadas românicas (provenientes de Roma), como, além dessas duas anteriores, o português, o francês e o romeno.

No Brasil de hoje, a hegemonia político-econômica do sul-sudeste faz com que as variações do português falado nessas regiões seja mais prestigiada e privilegiada na

issuu-downloader.com

As desobediências às normas são fenômenos coerentes e fazem com que a língua permaneça viva e não se fossilize em arcaísmos

configuração das normas-padrão a que todos os falantes, independente das regiões, são levados a se submeter.

Essa arrogância costuma fazer com que alguns preconceitos sejam solidificados. Para dizer que a fala nordestina é "ridícula", por exemplo, falantes de outras regiões apontam o quanto é engraçado aquela variação onde as pessoas dizem "oitcho" e "muitcho" referindo-se ao termo oito e muito.

No entanto, consideram normal quando um carioca, um mineiro ou um capixaba diz "tchia", "tchico-tchico" e "tchigre" quando a grafia registra tia, tico-tico e tigre. Por que, então, a ocorrência desse fenômeno fonético no "i" é normal mas no "o" é ridículo?

Para o linguista Marcos Bagno, professores de português deveriam destacar o valor social atribuído aos usos da língua

Lógica do não-padrão

Marcos Bagno lista uma série de exemplos para mostrar algumas construções lógicas do português não-padrão. Por tratar-se de uma variação enxuta, econômica, modesta e menos vaidosa, o português popular articula-se em construções mais diretas, funcionais e livres, ao contrário da norma culta, que é cultivada, redundante e regrada.

Nas frases em plural, por exemplo, a variação popular costuma utilizar apenas uma marcação de pluralidade, por entender que assim é suficiente para mostrar que os demais termos também são plural. Portanto, se na norma-padrão temos que flexionar diversos elementos para fazer as devidas concordâncias e enfim dizer "As meninas usam biquinis coloridos", no português de rua podemos dizer tranquilamente "As menina usa biquini colorido", sem qualquer prejuízo para a compreensão – pois ninguém tem dúvidas que "As menina usa" se refere a várias garotas. Contudo, mesmo aí há um acordo: a marcação é feita sempre no primeiro termo da frase. Ninguém diz: "A meninas usa", ou: "A menina usam" para marcar plural. Há lógica nessas construções, assim como há uma regra regendo a construção: "Ques moleque mais levado", muito usada e aceita pelos mineiros.

A simples compreensão dos fenômenos fonéticos é capaz de demonstrar a falta de critérios dos preconceitos lingüísticos. Em algumas variedades do português, por exemplo, o fonema /l/ (símbolo usado para representar o som "lhê") simplesmente não existe. Assim, a palavra "calha" é pronunciada "cáia"; "colher" fala-se "cuié"; e "telha" diz-se "têia". Esse fenômeno chama-se *assimilação*, e ocorre porque os fonemas /l/ e /y/ (símbolo usado para reprentar o i, como em ai) são produzidos quase na mesma zona de articulação na boca. Isso se chama yeísmo, e acontece em muitas línguas, como no espanhol e no francês.

Mas se essa variação é ridicularizada, outras são aceitas mesmo entre falantes cultos. Por exemplo, é perfeitamente comum a ocorrência da redução do ditongo EI em E quando está diante das consoantes J e X. Isso também acontece por causa da mesma zona de articulação entre a semivogal /y/ e aquelas consoantes. Assim, falamos "quêjo" e "dêxo" quando as palavras registram "queijo" e "deixo". É isso que faz "beijo" e "desejo" rimarem com tanta tranquilidade nas canções populares. Por uma divertida ironia, a ansiedade em "falar certo" provoca muitas vezes um excesso de correção, levando falantes cultos se atrapalhem ao dizer "carangueijo", "bandeija" e "prazeiroso", quando o registro escrito marca caranguejo, bandeja e prazeroso.

O caso do "chicrete", "pranta" e "Cráudia" é muito curioso. Ridicularizado à exaustão por falantes cultos que atribuem a substituição do L pelo R a uma espécie de atraso mental do falante, esse fenômeno histórico, chamado rotacismo, acontece constantantemente e contribui até mesmo para a formação de novas línguas. Muitas palavras do português foram originadas por causa disso. A palavra "branco", por exemplo, deriva do germânico *blank*. Das derivadas do latim, podemos citar "cravo", que veio de *clavu*; "dobro", de *duplu*; "escravo", de *sclavu*; "fraco", de *flaccu*, "obrigar", de *obligare*; "praga", de *plaga*, entre inúmeros termos. Essa mudança acontece quando a comunidade de falantes não usa a zona de articulação que produz o fonema do encontro consonantal com a letra L – assim como nós, brasileiros, não usamos o fonema TH, do inglês, como em *thieve*. A propósito, em "Os Lusíadas", Camões escreve, entre outras coisas, "ingrês", "pubricar", "frauta", "frecha" etc. Evidentemente ninguém tem coragem de dizer que Camões, o patriarca da língua portuguesa, sofria de atraso mental.

Ensino da gramática deve ser um estudo crítico, capaz de apontar as contradições, os arcaísmos e as inadequações da própria norma,

Portanto, para Marcos Bagno, os professores de português deveriam explicar esses fenômenos e destacar o valor social atribuído aos usos da língua. E isso não significa deixar de ensinar a norma-padrão, que goza de prestígio social e, por isso, abre portas na sociedade. Mas o autor afirma que o ensino da gramática deve ser um estudo crítico, capaz de apontar as contradições, os arcaísmos e as inadequações da própria norma, assim como abrir as possibilidades de estudo das demais variações.

O ensino da norma é uma atitude política, pois significa convidar o cidadão a participar da sociedade com os mesmos instrumentos lingüísticos da elite culta

A psicologia social nos diz que, no cotidiano, somos capazes de usar várias máscaras de acordo com as circunstâncias. Assim, a apropriação consciente das variedades do português nos oferecem instrumentos para adequar a nossa fala a todos os encontros e exigências sociais, tornando assim nossa comunicação mais eficiente e humana.

Nas aulas de concordância verbal e nominal oferecidas nos cursos de extensão da Uniube, o professor Décio Bragança defende que o ensino da norma-padrão é sobretudo uma atitude de libertação, pois oferece ao cidadão as chaves para interpretar as sutilezas da língua culta usadas para maquiar as relações de poder e submissão na sociedade. A propósito, essa idéia está explícita no próprio slogan impresso nas apostilas do curso: "Dominar a estrutura da língua é exercer a cidadania".

issuu-downloader.com

Responsabilidade social

Educação através das artes

Projeto Tim ArtEducAção incentiva alunos de baixa renda a buscarem novas formas de aprendizagem

Fábio Luís da Costa
3º período de Jornalismo
Graziela Christina de Oliveira
1º ano de Jornalismo

José Cardoso Sobrinho

Crianças da Oficina de Musicalização interpretam a cultura indígena e africana

Levar cultura e promover a inclusão social de crianças e jovens de baixa renda através de atividades como artes plásticas, dança, canto coral e teatro. Este é o objetivo de um programa que vem gerando resultados em algumas cidades de Minas Gerais.

O Projeto TIM ArtEducAção, é uma parceria da empresa de telefonia Telecom Itália Mobile - TIM/Maxitel e de algumas prefeituras municipais, além da Secretaria de Cultura de Minas Gerais.

O programa teve início na cidade de Viçosa. Uma experiência proposta pelo ex-professor de Matemática, diretor de teatro e produtor cultural, Marcelo Soares de Andrade, secretário de Cultura, Esporte, Lazer e Patrimônio da cidade.

Marcelo criou o Centro Experimental de Artes para ajudar os jovens com menos oportunidades a crescerem enquanto cidadãos e poderem se integrar junto à sociedade, por meio de expressões artísticas.

A TIM/Maxitel, por intermédio da Lei de Incentivo à Cultura, que reduz o ICMS (Imposto de Circulação de Mercadorias e Serviços) das empresas que, de alguma forma, contribuem com projetos sociais, se propôs a patrocinar o programa.

O Presidente da TIM, Massimo Tacchella, diz que o incentivo ao TIM ArtEducAção, é uma forma de fazer com que muitos jovens possam ampliar seus horizontes através do conhecimento. "O que queremos é que as pessoas tenham acesso ao conhecimento. Que esse conhecimento seja a base para a transformação social. Acima de tudo, queremos desfrutar de uma sociedade livre para pensar, crescer, produzir, sonhar e fazer deste mundo um lugar melhor para todos."

"Acima de tudo, queremos desfrutar de uma sociedade livre para pensar, crescer, produzir, sonhar e fazer deste mundo um lugar melhor para todos"

Em 2001, no primeiro ano do Projeto, nove cidades foram beneficiadas: Viçosa, Ubá, Juiz de Fora, Barbacena, Lavras, Varginha, Poços de Caldas, Uberaba e Uberlândia. Entre os meses de agosto e dezembro, mais de cinco mil crianças foram atendidas e cerca de 100 empregos diretos foram criados.

No segundo ano, duas novas cidades foram inseridas no projeto: Divinópolis e Montes Claros. Cada município, de acordo com suas necessidades, escolhe cursos e oficinas para levar aos estudantes. Aliás, condição fundamental para participar é que os alunos das oficinas estejam frequentando a escola.

Marcelo Andrade, que coordena o projeto em nível nacional, vê com muita satisfação as idéias que teve em Viçosa serem levadas a outras regiões do estado. "Estamos ajudando a melhorar a vida de cinco mil jovens e adolescentes de baixa renda." Os resultados mostram que, a maioria dos alunos, melhorou a capacidade de socialização e aprendizado, além de terem se tornarem mais curiosos e interessados em participar das atividades propostas.

O projeto vem dando tão certo, que ele já chegou em outras regiões do país, como Bahia. Lá, 850 pessoas participam nas cidades de Feira de Santana, Juazeiro, Vitória da Conquista, Itabuna, Ilhéus, Jequié e Barreiras.

O programa leva propostas das ONGs (Organizações Não-Governamentais) Casa das Filarmônicas, CRIA (Centro de Refência Integral do Adolescente), Circo Picolino, Grupo Cultural Bagunçaço e OAF (Organização do Auxílio Fraterno). Na Bahia, o Projeto também atende professores da rede pública.

"Você sente que é muito mais que um trabalho, é um envolvimento emocional. A gente chega a se emocionar com os depoimentos de quem participa"

Os projetos

Em Uberaba, a executora do projeto, Olga Maria Frange de Oliveira, é a responsável pela indicação e permanência dos professores, pela escolha dos lugares onde serão realizadas as oficinas e a fiscalização do trabalho.

Neste ano, 280 crianças estão fazendo parte do espetáculo. No ano passado, foram 600. Os participantes são escolhidos pela Secretaria Municipal de Trabalho e Ação Social –SETAS- que indica os lugares mais precários e pela Secretaria de Educação que seleciona algumas escolas.

Além disso, algumas entidades podem ligar para a Fundação Cultural, solicitando a entrada no programa, como foi o caso do Agente Jovem da Casa do Menino e do Acolhida Marista.

Em 2003, terceiro ano do projeto em Uberaba, as atividades começaram no dia 11 de abril e terminaram no dia 11 de novembro, com a mostra final, aberta à toda comunidade, realizada no Teatro Experimental de Uberaba. " A cada ano é uma conquista, por isso nós já mandamos um ofício, assinado pelo prefeito, pedindo a continuidade do projeto", disse Olga.

Neste ano, cerca de R$ 4 mil foram

issuu-downloader.com

enviados à Uberaba para as despesas com o programa, já que a cidade é considerada modelo, atendendo maior número de crianças.

E o movimento dos professores é muito grande. "Você sente que é muito mais que um trabalho, é um envolvimento emocional. A gente chega a se emocionar com os depoimentos de quem participa", comenta Olga.

Além deste trabalho, a Tim patrocina outros, como o Tim Estado de Minas Grandes Escritores que leva doze escritores, entre eles, Marina Colasanti e Alcione Araújo às cidades mineiras para contarem um pouco sobre suas histórias.

E ainda, o Tim Estado de Minas Grandes Escritores Biblioteca, que leva livros destes escritores para as bibliotecas públicas das cidades atendidas pelo projeto, como Uberaba que recebeu 180 livros neste ano.

Olga Frange vê uma evolução no projeto, principalmente em termos de quantidade de alunos e de locais atendidos, desde que as atividades começaram. E apesar de ser um trabalho árduo, ela gosta muito. " É um trabalho que eu amo fazer, eu faço com muita vontade que dê certo", falou a executora.

Apresentações

Um espetáculo especial do projeto foi realizado no dia cinco de novembro, para os pais e a comunidade uberabense. No dia 11, foi realizada uma nova apresentação, para os representantes da Tim e de Viçosa.

A primeira oficina que se apresentou foi a de musicalização, com a participação de 20 crianças do Projeto Caetés, que tocaram flauta doce. E, juntamente, com um coral de 42 crianças da Creche Marta Carneiro.

A segunda oficina foi a de dança, que levou crianças das escolas Olga de Oliveira e Niza Guaritá ao palco do Teatro Experimental de Uberaba -TEU- para mostrarem danças de Portugal, Itália, França, Espanha e Brasil.

Outra oficina foi a de canto coral e contou com a presença de 42 crianças da Creche Tutunas e do Centro Miguel Hueb.

Hip Hop foi a quarta oficina a ser apresentada. De acordo com o professor, Ricardo Ranieri dos Santos, o hip hop é formado por quatro elementos que, juntos, formam a ideologia de transformação da juventude: o *break dance*, o grafite, o *Dj* e o *Rap*, que é uma música de protesto. " Isso faz com que a juventude se conscientize mais das suas raízes", disse.

Quarenta e cinco alunos de várias instituições participaram da coreografia, que representou a resistência dos escravos. " A coreografia é pequena, mas depois, eles abrem uma roda e cada um mostra o seu talento, seu desenvolvimento. Isso faz com que cada um treine e se dedique", explicou o professor.

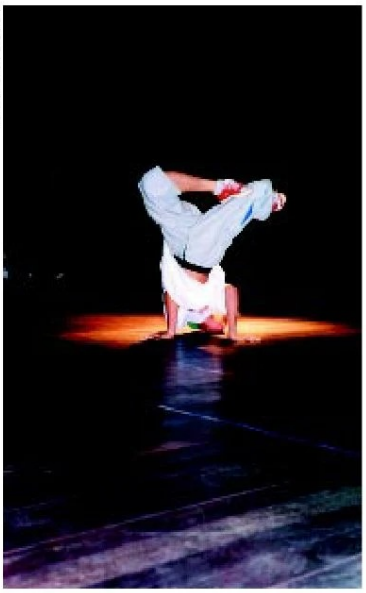
Ricardo conta que algumas pessoas discriminam, acham que é coisa de " adolescente sem causa". "A gente é bem mais político do que eles imaginam, tem consciência e atitude, sabe o que quer e passa isso pra molecada, que é o mais importante", enfatiza.

"A gente é bem mais político do que eles imaginam, tem consciência e atitude"

Além disso, rola um certo preconceito em relação ao sexo, já que só uma menina participa do hip hop. Michele Aparecida Santos, de 14 anos, é dedicada e, de acordo com o professor, acreditou e teve atitude para enfrentar os pais que achavam que isso não seria bom para ela." Com o tempo, os pais perceberam que ela estava desenvolvendo não só o corpo, mas a mente, fazendo com que ela ficasse mais atenta com os problemas, como drogas e violência", disse.

Michele participa há três anos do projeto e disse que sua vida mudou muito desde que começou a frequentá-lo. " É muito importante pra mim, pro meu crescimento. Eu cresci muito, dentro e fora de casa. Na escola, melhorou 100%", conta. Ela também disse que há preconceito mas, que um dia, isso vai mudar. E apesar disso, ela gosta muito do que faz.

Fábio Luís da Costa



Aluno de hip-hop apresenta-se em uma das oficinas

José Cardoso Sobrinho

Crianças do Projeto Caetés tocam flauta doce e soprano na oficina de canto coral

Ricardo está no projeto desde o início. Já trabalhava como voluntário há dois anos e, mesmo com as dificuldades, gosta do trabalho. "Esse projeto fez com que eu me dedicasse somente a isso e ensinasse as pessoas que queriam aprender, mas não tinham oportunidade. Pude expandir a cultura dentro de Uberaba", concluiu.

A última oficina foi a de teatro, dividida em quatro momentos. O primeiro," No princípio", fala da criação do universo e da presença divina na humanidade. No segundo, tem-se a explicação da formação do homem. O título é " A Lenda da Iraci e Torogi", com a passagem de índios e brancos.

O outro momento nos conta sobre um lenda folclórica portuguesa, intitulada " A moça de Bambuluá". E para finalizar, "Os escravos", baseado no poema Navio Negreiro, de Castro Alves, com todos cantando uma música de Martinho da Vila, que fala dessa junção, de como o Brasil é. "Fala dessa miscigenação cultural que resultou no homem brasileiro", explica Carlos Alberto, professor de teatro.

A escolha do tema foi feita consultando alunos e coordenação do projeto, chegando-se a conclusão de que seria uma boa falar dessa identidade. "É sempre importante estar voltando nisso para não perder essa raiz, esse conceito de brasilidade", completa o professor.

" Melhorei muito meu comportamento, meus pais eram contra a minha entrada e de meu irmão Rafael, mas hoje eles nos apoiam, e podem nos ver brilhando em cima do palco"

Por quatro meses, 45 alunos de diversos locais ensaiaram essa peça. Segundo o professor Carlos Alberto, esse tipo de trabalho possibilita aos jovens uma leitura crítica da sociedade, conhecer os passos históricos que marcaram e determinam o que vivemos hoje. " É importante para eles tomarem contato com os erros do passado que fazem a gente chegar nessa complicação que é o presente e nessa interrogação que é o futuro", disse.

Carlos dá aulas de teatro desde 1995. Trabalhou na Casa do Menino, nas escolas Paulo Rodrigues e Frei Eugênio e na Fundação Cultural. Está no projeto da Tim desde o começo. Para ele é uma honra estar partilhando e aprendendo com os jovens que participam e, de alguma forma, interferir na realidade deles e fazer com que eles percebam que podem ser protagonistas da vida deles. " É uma missão: faz parte do nosso trabalho vocacional. É muito bacana ser cúmplice dessa formação para algo melhor."

O teatro foi unânime na mudança comportamental dos estudantes. Patrícia Oliveira, aluna da oficina diz que o teatro serve para ela expressar seus sentimentos, vencer barreiras e, hoje na medida do possível, alcançar seus objetivos. " Melhorei muito meu comportamento, meus pais eram contra a minha entrada e de meu irmão Rafael, mas hoje eles nos apoiam, e podem nos ver brilhando em cima do palco".

Jader Marinho, que há dois anos está atuando, diz que o teatro é tudo em sua vida. "Adoro representar, é uma essência que me encanta", diz.

Todo o programa é voltado para ajudar esses jovens e, em alguns casos, até revelar artistas no futuro. "Cada criança que sobe no palco, se sente um pouco artista", conclui Olga.

issuu-downloader.com

Agora é que são elas

O poder feminino

Empresárias de vários países se reúnem em congresso para discutir a mulher do século XXI

Cesar Henrique Fonseca Júnior
4º período de Jornalismo

Cesar Henrique Fonseca Júnior

Congresso Íbero-americano de mulheres empresárias discutiu olhar feminino no mundo dos negócios

Ieris Imbimbo descobriu há pouco tempo que poderia ser mais que uma dona de casa dedicada e orgulhosa pela criação dos três filhos que já lhe deram sete netos. A paulista de 52 anos, nascida no interior do estado, sabia que poderia contribuir mais com os negócios da família.

Foi assim que desde o último ano, Ieris já não consegue se livrar da rotina de acordar cedo e ir à Auto Peças e Mecânica Alvarenga. A simpática "recém empresária", como se define, tinha um desafio nada fácil: colocar um toque feminino na loja de Orlando Imbimbo, seu marido.

Entretanto, engana-se quem pensa que Ieris aboliu a graxa do local, ou colocou vasos de flores na administração. Em menos de treze meses, e usando o "jeitinho de mulher", ela conseguiu aumentar razoavelmente as exportações da empresa e principalmente diversificou o público comprador.

Hoje, coordenadora do Conselho da Mulher Empresária de São Paulo / Distrital Butantã, reconhece que mudou sua vida. "Nossa loja foi inaugurada em 1962, não entendia nada de peças para caminhões, cheguei a pensar que não conseguiria, mas estou aqui", reconstrói Ieris.

O exemplo que vem de São Paulo é cada vez mais uma realidade freqüente em todo o país. Com força no mundo empresarial brasileiro desde os anos 70, as mulheres são cada vez mais responsáveis pelo sucesso econômico do Brasil. No século em que o poder das máquinas substituiu a força física, elas aparecem como foco primordial tanto para a mão de obra quanto para o empresariado. Hoje, as mulheres dominam 84% do setor de moda e confecções, são 28% dos empregos informais no país, 40% dos 27,2 milhões de trabalhadores nas empresas brasileiras, comandam 25% das famílias e são maioria em um país ainda machista.

Em menos de treze meses, e usando o "jeitinho de mulher", ela conseguiu aumentar razoavelmente as exportações da empresa

O destaque feminino, é reconhecido e confirmado por uma pesquisa realizada pela Bolsa de Valores de São Paulo-BOVESPA, neste ano. Segundo dados da instituição, nas 1.500 entrevistas realizadas em seis capitais no mês de abril, entre homens (30%) e mulheres (70%), os resultados indicam a crescente participação da mulher no mercado brasileiro, se destacando principalmente pela sua qualificação e eficácia.

Os dados revelam a mulher como protagonista nas decisões referentes a investimentos. É delas, por exemplo, na maioria dos casos, a iniciativa pela formatação de clubes de investimentos e organização das despesas familiares. Com visão estratégica, as mulheres também são atuantes no plano social e, de forma geral, transitam entre o presente e o futuro com grande otimismo. A maioria, 57%, considera o momento atual melhor do que há 10 anos, 85% se dizem preparadas para enfrentar o futuro e 40% apontam o sucesso profissional como um dos seus principais objetivos.

Foi para tratar desta nova mulher do século XXI que, cerca de seicentas empresárias do Brasil, Argentina, Colômbia, México, Paraguai, Porto Rico, Uruguai, Espanha e Portugal se reuniram entre os dias 19 e 23 de outubro no XIV Congresso Ibero-americano de Mulheres Empresárias, CIME, realizado na cidade de Araxá. O evento, que aconteceu pela primeira vez no Brasil, é uma iniciativa da FIDE - *Federacion Iberoamericana de Mujeres Empresarias* e tem o propósito de estabelecer uma rede de comunicação e colaboração mútua ampliando as oportunidades de negócios no mercado nacional e internacional, mostrando a importância da presença da mulher no cenário empresarial de todos os países.

O evento acontece em um momento em que se inicia um processo de reconhecimento e incentivo ao trabalho da empresária brasileira. "Aqui se reuniram o esforço, a qualidade e a competência do empreendedorismo dos homens e das mulheres dos países presentes e chamam a atenção e o olhar do mundo para o Brasil, para o que é capaz a iniciativa privada, com o apoio do setor público,

Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Luiz Fernando Furlan, disse em sua palestra que as mulheres têm maior capacidade de administrar o dinheiro

issuu-downloader.com

com a participação efetiva também das mulheres. O evento realizado no Brasil dá uma prova da determinação, da organização e da competência das mulheres brasileiras", ressaltou a ministra da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, Emília Therezinha Xavier Fernandes.

Um dos acontecimentos mais esperados do Congresso foi a primeira palestra magna, o "Poder da cooperação para os negócios", em que ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Luiz Fernando Furlan destacou o papel da mulher brasileira no contexto nacional.

Segundo o ministro, que esteve recentemente na China, a evolução do Brasil quanto ao espaço para a mulher é de destaque quando se compara com os outros países do mundo e até os ibero-americanos. "Por exemplo, no Kwait a mulher não tem direito ao voto, na Arábia Saudita mulher não dirige carro", comentou Furlan, que ainda ressaltou a importância da mulher como administradora da família brasileira e, arrancando aplausos e risos das centenas de mulheres que estavam no teatro do Tropical Grande Hotel, comentou: "A mulher tem mais capacidade de administrar o dinheiro - não são todas. O ano de 2004, o presidente estipulou ser o ano das mulheres. Acho que corro o risco de ser substituído por uma mulher mais competente", brincou, ao lembrar que grande parte das residências visitadas pelo presidente e pelos ministros no Vale do Jequitinhonha e Nordeste do País, quando do lançamento do Fome Zero, era administrada por mulheres.

Para o ministro as mulheres possuem características que as diferenciam do homem, como o apego aos detalhes, a maior facilidade de enxergar o defeito e corrigi-lo e a fibra.

Durante o CIME, foram realizados painéis e mesas redondas com temários diversificados e abrangentes, como: Ética e Cidadania – A Empresa e o Exercício da Responsabilidade; O Olhar Feminino no Mundo dos Negócios: Mercosul, Comunidade Européia, Alca e Nafta: Realizações e Perspectivas; Turismo: As Múltiplas Faces Desse Negócio; Saúde e Qualidade de Vida: Desafios do Século XXI; Interação da Arte, Moda e Artesanato no Mundo dos Negócios; Agronegócios e o Cooperativismo a Serviço da Geração de Empregos; Educação: Alicerce do Desenvolvimento Sustentável e Negócios pela WWW: Credibilidade e Segurança.

O XV Congresso Ibero-Americano de Mulheres Empresárias deve acontecer na Espanha, provavelmente na cidade de Sevilha.

Mineiras são destaque no Congresso

Bastante representadas, as mulheres mineiras mereceram destaque no XIV Congresso Ibero Americano de Mulheres, CIME. Como participantes e anfitriãs, elas mostraram para o mundo a força de suas atividades em Minas Gerais. Um exemplo vindo da cidade de Araxá mostra a intensa participação da mulher no setor empresarial nos municípios mineiros.

Valda Woolgar descobriu na docência sua razão de vida. Lecionando desde a juventude, decidiu, juntamente com sua irmã, Valma, abrir uma escola de Inglês em Araxá. A concorrência de uma grande rede de escolas não amedrontou as irmãs empreendedoras.

Em pouco tempo de negócio o número de alunos multiplicou e hoje depois de passar por duas casas alugadas na cidade, a escola se prepara para funcionar em sua nova sede, um grande investimento no centro da cidade. O segredo do sucesso? "Não atribuo totalmente ao aspecto de sermos mulheres, os homens administram muito bem. O que temos de diferencial é a nossa sensibilidade e capacidade de ver nas pessoas comuns, seres humanos", diz Valda, que é presidente da Câmara da Mulher Empreendedora da Associação Comercial e Industrial de Araxá e participou ativamente da organização do CIME.

"Nossa loja foi inaugurada em 1962, não entendia nada de peças para caminhões, cheguei a pensar que não conseguiria, mas estou aqui"

Segundo dados do SEBRAE, a participação da mulher no segmento das micro e pequenas empresas em Minas Gerais é expressiva: elas são proprietárias de 45,67% da empresas deste porte no Estado. A presença da mulher é maior no comércio, onde atuam 51,72% das empresárias, vindo a seguir o setor de serviços (34,48%) e, em menor proporção, a indústria (13,79%).

A segmentação por porte demonstra que, embora a maioria das empresas lideradas por mulheres seja micro (68,97%), a mulher mineira tem, comparativamente ao empresariado masculino, maior propensão a trabalhar com empresas de pequeno porte. Normalmente, a mulher empresária tem um único sócio (60,34%) ou trabalha sozinha (31,03%), valendo destacar que essa vocação feminina para dirigir a empresa sem a presença de sócios é relativamente maior que a masculina (23,19%).

Ieris Imbimbo descobriu que poderia ser mais que uma dona de casa

Quanto a variável escolaridade, a empresária de Minas é bem instruída, com colegial completo / superior incompleto (39,66%) ou superior completo (34,48%). Este último estrato denota considerável diferencial em relação ao empresariado masculino, onde apenas 17,39% possuem curso superior. Isso explica também hábitos de leitura onde o conteúdo técnico é proporcionalmente superior ao descrito para o empresariado masculino (54% as mulheres, contra 47% os homens).

Os números talvez expliquem também o grande interesse e participação das organizações comerciais da região. Como destaque, as comitivas das Associações Comerciais e Industriais de Araxá, Uberaba e Uberlândia foram umas das maiores do Congresso.

issuu-downloader.com

História de Vida

Um jovem peão apaixonado

Bicampeão da categoria Rodeio Júnior de Barretos conta sua trajetória de sucesso nas arenas

Rogério Simões
4º período de Jornalismo

reprodução

Danilo Marques Tristão tem 17 anos, cursa o 2º ano do ensino médio e mora em Conceição das Alagoas, cidade mineira e pacata localizada a 58 quilômetros de Uberaba, Minas Gerais. Danilinho, como é chamado carinhosamente pelos amigos mais próximos, é peão de rodeio e foi na arena que ele descobriu sua grande paixão: a montaria.

A descoberta de sua vocação aconteceu aos 11 anos. Enquanto seus amigos faziam travessuras pelas ruas, gozando desta fase inesquecível da vida que é a infância, ele e mais vinte amigos, todos mais velhos, montavam nas arenas improvisadas em chácaras e fazendas da região de Conceição das Alagoas.

Ser peão exige dedicação, amor e fé. Ingredientes principais antes de ingressar neste mundo de encanto e magia que se chama rodeio. Profissão perigosa, onde cada montaria revela a eternidade do tempo, pois cada segundo se torna o mais rápido e, ao mesmo tempo, o mais demorado da vida do peão e de sua família que acompanha cada atitude do animal. Este, impiedosamente deseja ser o vencedor, enquanto o cowboy o desafia para que o objetivo do animal não seja alcançado.

O risco da profissão assustou a família de Danilo, que começava a observar a notável paixão do menino pelo rodeio. Mas a preocupação foi só no início. E o receio, logo transformou-se em orgulho. De anjo a marmanjo, o garoto cativava em cada montaria, familiares, amigos, colegas de profissão e o grande público que se alastra pelas arquibancadas e rodeiam o cenário para onde estão voltadas todas as atenções, a arena. "Ele é fera, e por isso não tem medo de animal", dizem os priminhos, Juninho e Mozair, ambos de 7 anos, quando questionados sobre o perigo da montaria.

Danilo Marques Tristão, entrou para a competição há quatro anos, na categoria Rodeio Júnior de Montaria em Touro de Barretos-SP

Danilo Marques Tristão, entrou para a competição há quatro anos, na categoria Rodeio Júnior de Montaria em Touro de Barretos-SP, quando começou a participar da festa do Peão. Em 1999 acontecia sua estréia no palco, num dos lugares que futuramente lhe traria dois títulos importantes.

Em 2001, foi o segundo colocado, e em 2002 tornou-se campeão pela primeira vez em Barretos. Este título, serviu para incentivá-lo ainda mais e demonstrar que ele contava com talento e sorte.

A consagração na arena também serviu como recompensa pelos exaustivos momentos e pelos finais de semana que abdicou das badalações para realizar seus treinos. Em 2003, voltou novamente ao desafio de trazer mais um título, com a intenção desta vez de se tornar bicampeão. E assim fez... Danilinho foi o 1º colocado de Barretos na categoria Rodeio Júnior de Montaria em Touro, neste ano.

O jovem cowboy, já montou em cidades, como: Planura, Pirajuba, Campo Florido e Conceição das Alagoas

O jovem cowboy, já montou em cidades, como: Planura, Pirajuba, Campo Florido e Conceição das Alagoas. E já participou também de rodeios nas cidades paulistas de Guairá e Barretos.

Recentemente, Danilo foi campeão do Rodeio Júnior da 10ª Agroshow, festa do peão que acontece tradicionalmente no município de Conceição das Alagoas. Os prêmios, já totalizam aproximadamente R$ 5 mil e demonstram a experiência adquirida nas arenas.

Nossa conversa aconteceu em uma área aos fundos da casa de Danilo. A mesa estava completamente empoeirada. Ali, observei que a paixão pelo campo se estendia em sua morada, num quintal, onde galinhas e cachorros dividiam o mesmo espaço. Danilo, receptivo, contava amigavelmente suas experiências e os planos, todos eles relacionados a sua maior paixão: o rodeio.

issuu-downloader.com

Saúde

Caminhada é bom

Aliada a uma boa alimentação ajuda a manter uma vida saudável

Micheli Bernardeli
4º período de Jornalismo

reprodução

Começo da manhã e fim de tarde. Crianças, jovens, adultos e idosos andam pela avenida Nenê Sabido. Homens e mulheres que têm o cachorro como companhia e o vento como saudade. Momento ideal para refletir sobre a vida. Como ela é bela!!! Uma menininha de calça cor-de-rosa, escuta seu walkman ao lado do pai, com olhar atento, enquanto passa em frente ao aeroporto, observa um avião decolando. Com aqueles olhinhos que só a criança tem, imagina como deve ser bom voar, a sensação de liberdade que o ser humano possui, assim como os pássaros. Atrás vêm cinco adolescentes. Gordinhas e Magrinhas. Juntas caminham em busca de uma vida saudável e o corpo para o verão. Nessa época, fim de inverno e começo de primavera, é exatamente quando as pessoas lotam as ruas e as academias. Sonham com a minissaia, o biquíni... Que época boa!!!

"A caminhada promove o relaxamento físico e mental, favorece o rendimento muscular, controla a pressão, melhora a respiração, o preparo físico, assim a pessoa fica mais disposta. A caminhada também melhora o apetite e a qualidade do sono", explica o médico José Haroldo de Lima.

"É curioso notar como pessoas ocupadas demais para se exercitar sempre encontram o tempo necessário após o primeiro infarto"

As pessoas sedentárias são mais suscetíveis a problemas de saúde, e mudam o comportamento somente quando o médico orienta. "É curioso notar como pessoas ocupadas demais para se exercitar sempre encontram o tempo necessário após o primeiro infarto", relata o médico Kenneth Cooper no site www.caminhar.com.br. Então, sempre tenha um horário na agenda para fazer exercício; se não pode fazer academia, caminhe. Mas não se esqueça de que não é recomendado caminhar quando o sol está forte. Beber água, e usar filtro solar até mesmo quando o tempo estiver nublado, é essencial.

Maria Oliveira de Azevedo, doméstica, 47 anos, diz que gosta de caminhar. "Eu sei que a caminhada é boa, por isso caminho diariamente". Segundo Domaria, como é carinhosamente chamada pelos amigos, quando era mais jovem não se importava muito em caminhar, mas hoje sabe o quanto é importante. "Antigamente as pessoas não tinham a preocupação de caminhar. Hoje em dia está diferente. Crianças e até idosos fazem esta prática" relata.

Já a adolescente Keyla Damiana Silva, 20, sabe da importância de caminhar, porém não anima. "Não gosto de caminhar sozinha, somente quando minhas amigas vão que animo". "Sempre deixo para amanhã", diz. Sobre a questão de perder peso a estudante diz que seu pai caminha duas vezes ao dia e está emagrecendo. Mas não se iluda: não emagrece só caminhando, é preciso aliar uma alimentação saudável com o exercício físico. "A caminhada previne a obesidade, mas a pessoa precisa modificar seus hábitos alimentares, adotar uma dieta balanceada. E também precisa praticar outros exercícios físicos além da caminhada", adverte José Haroldo. A cada 30 min perde-se 187 calorias.

Hoje em dia, várias editoras lançam revistas sobre saúde e dieta, mostrando pessoas que conseguiram vencer a balança e manter hábitos saudáveis. Não é difícil, basta ter coragem, um tênis e muita força de vontade. "Saúde é importante na nossa vida", finaliza Domaria.

Calcule seu IMC
(Índice de Massa Corpórea)

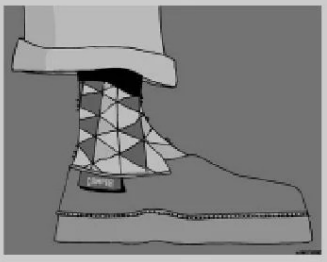
Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), esse cálculo depende de vários fatores. Por isso a necessidade de procurar um médico. Siga o cálculo (peso dividido altura ao quadrado)

Peso dividido pela altura ao quadrado
Até 25- normal
25 a 30 - obesidade leve
30 a 35 - obesidade moderada
35 a 40 - obesidade mórbida

ilustrações: Frank Pérez / www.bitniks.es

Antes de sair por aí caminhando, siga as instruções:

1) Antes de mais nada, consulte o seu médico.
2) Faça um teste ergométrico
3) Use roupas leves e beba bastante líquido (idosos têm mais facilidade de se desidratar).
4) Se tiver problemas cardíacos, procure um centro de reabilitação.
5) Se for diabético, não saia desacompanhado.
6) Procure caminhar em terrenos planos e lisos.
7)Atenção redobrada ao alongamento e aos períodos de aquecimento e desaquecimento



issuu-downloader.com

Educação

Universidade discute criação de curso de Moda

Encontro de profissionais na Uniube discute formação superior e tendências de mercado

fotos: Neuza das Graças

Luis Felipe Silva
4º período de Jornalismo

Uberaba e o Triângulo Mineiro já possuem certa tradição em negócios relativos à moda. Entretanto, devido o fraco desenvolvimento das redes de produção, confecção e vendas, a região ainda não se destacou neste segmento. Para a diretora do curso de Arquitetura da Universidade de Uberaba (Uniube), Carmem Maluf, a situação poder mudar com a eventual criação de um curso superior voltado a esta área.

Para iniciar os debates com empresários do setor e apresentar o projeto da criação do curso para a comunidade em geral, a Uniube promoveu, na manhã de 24 de fevereiro, o *1º Encontro de Negócios Para a Moda*. "Queremos, antes de tudo, o aval da região" esclarece Carmem. Para falar sobre o assunto foram convidados a arquiteta Ângela de Souza Diniz – envolvida com produção de moda desde a infância, por intermédio da mãe que possui uma confecção; além de Orlando Cabreira, especialista nesta áera, e Rita Andrade, coordenadora do curso de Moda da Faculdade Anhembi Morumbi, de São Paulo.

Ângela Diniz observou que formação superior reduz "trilha de erros" da carreira profissional

A Uniube pretende oferecer um curso elaborado de acordo com o modelos das faculdades mais avançadas do país

Entre os principais temas abordados, os debatedores destacaram a importância da especialização dos profissionais. Ângela Diniz e Orlando Cabreira admitiram que, por não não terem formação específica na área, tiveram de aprender tudo "na raça", como eles mesmo disseram. "Tive que lutar muito. Aprendi com meus erros, que não foram poucos, e demorei muito para desenvolver meu próprio estilo. Mas acabei me apaixonando" confessou Ângela. Os dois explicaram que essa "trilha de erros" pode ser reduzida com a formação superior. "A nova geração não pode se dar ao luxo de errar, neste mundo globalizado e com uma competição extremamente acirrada".

Para Cabreira, a formação específica ajuda ainda a resolver um dos maiores problemas dos estilistas nacionais: a falta de personalidade. Segundo o especialista, a moda no Brasil se desenvolveu copiando as tendências internacionais. "Mas naquela época fazíamos releituras. Hoje o que se vê é pirataria", acusou. Para ele, isso demonstra falta de ética entre concorrentes. Cabreira observou que é fundamental desenvolver uma visão inovadora. "Hoje as pessoas procuram criar seu próprio estilo, existe espaço para todas as tendências" esclarece.

Rita Andrade, a única com formação específica na área, falou sobre o histórico da educação de moda no Brasil. Surpreendendo quem acreditava que os estudos dessa área são recentes, Rita revelou que a tradição já existe há mais de 100 anos. "Não podemos deixar de levar em consideração o aprendizado em ateliês, ou mesmo os cursos de economia doméstica, que fazem parte deste processo evolutivo".

Para Rita, níveis avançados destes estudos já começam a aparecer no território nacional. Empresários do setor já começam a pensar, por exemplo, no *design* como ferramenta de negócios. "A formação superior não abrange só o processo de criação, mas todos as áreas onde a moda atua, inclusive a gestão. Um administrador pode ter dificuldades para administrar uma empresa ligada à moda, pois ela possui inúmeras particularidades que só podem ser compreendidas por alguém do ramo".

Rita Andrade é coordenadora do curso de Moda da Faculdade Anhembi Morumbi

"A nova geração não pode se dar ao luxo de errar, neste mundo globalizado e com competição extremamente acirrada"

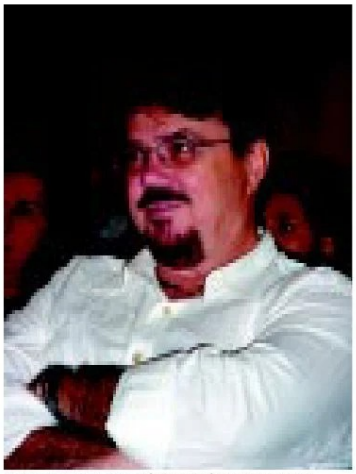
O curso

A Uniube pretende oferecer um curso elaborado de acordo com o modelos das faculdades mais avançadas do país. O curso se enquadraria na estrutura de formação acadêmica de curta duração, visando a profissionalização do aluno. Também seriam oferecidos cursos de extensão em diversas áreas específicas aos estudos de moda. Somados, eles ofereceriam um contorno global do assunto.

Assim, o aluno escolheria primeiro a área que mais o interessa e, depois de um curso com uma visão mais geral, seguiria uma área determinada. "Como a duração do curso seria de aproximadamente três anos, e o dos cursos de extensão de 360 horas, os alunos poderão escolher mais de uma área de atuação" explica Carmem.

Mercado para absorver os profissionais que se formarão no novo curso é o que não faltará – garante a diretora, lembrando que a prefeitura cedeu um território de 50 mil metros quadrados para construção de um pólo industrial do setor. "A situação é extremamente favorável. Uberaba tem tudo para se tornar um grande pólo da moda no Brasil."

Para diretora do curso de Arquitetura da Uniube, Carmen Maluf, Uberaba pode se tornar pólo da moda



Para o especialista Orlando Cabreira, hoje existe espaço para todas as tendências

issuu-downloader.com